

# ESPOSENDE

— oásis maravilhoso — com sargaceiros e pescadores —

## 9 numa manhã de bruma

Não há nada como a praia para nos tirar do lombo o pessimismo que sempre nos invade quando o calor aperta. É como quem nos desafiava um cinto e nos deixa o baixo ventre à-vontade...

Mas há praias e praias.

Elas são todas um «oásis» — seja a Póvoa, enorme, desespartilhada até ao «schort», sem uma sombra e misto de burguesa e parola, mas sempre eufórica e onde o mar ralha mais do que acarícia; a Apúlia «castiça», sem respigos de progresso mas a que Braga se adoeceu como lapa a um penedo careca; Fão, aqui medieval, fencía, de gente nativa que ainda hoje estranha os «visitantes», e no Ofir, moderníssima, cheia de casulos familiares pelo pinhal com caruma a servir de pingentes; seja esta «Esposende» distendida por quarteirões — também rio e mar que se casam logo de manhãzinha e que mira o S. Lourenço com olhos cúpidos, qual cidadão que, pessimista, vê a serra encarrapitada, em ladeira e sem cabras, mas ciosa da sua valentia, como autêntico torção telúrico por onde os láparos fazem ninho sem inveja das solhas que as redes vão caçando na foz...

Pois é precisamente de Esposende que vamos falar.

A manhã desentranhou-se cheia de nuvens. Uma neblina, sem ronca, marchetava o burgo como cúpula e desfiava-se ao passo que o meio dia surdia, morno, tépido e preguiçoso.

Nem toda a gente sabe o que é Esposende-praia. Para lá do burgo, quieto como um graveto perdido na bouça, vê-se o mar. Azul. A praia é um tapete passado a ferro. A maciez do chão faz apeteer uma caminhada descalço. Por um lado, desce o rio, onde perde a magestade para ganhar em doçura, e por outro, sem rompantes, o mar «invade», tendo à ilharga, como cântaros à cinta, os belos «cavalos de Fão», ora imersos, ora a sobrenadar, e deixando salgar-se na espuma das ondas que mal têm onde quebrar-se.

A manhã desentranhava-se. Na barra nem uma vela. Só daí a pouco o «Coração de Maria» aproava à foz, junto à areia do morro seco, cavalgado por montes de sargaço. A vela ancha principia a descer dos mastros, para os homens voltarem às remadas — e os remos eram barbantanas simétricas, apasadas e chatas. Trazia marisco, o «Coração de Maria».

Ao passar pelo «Albertina», outro barco chato carregado de limo até trasbordar, e pelo «S. José II», e pelo «Chalé de Viana» — que andavam ali à solha, começou a arrear, como num cumprimento.

Mais ao lado, um sargaceiro, de blusão de pelica e branqueta de lâ churra, a pingar, deixando ver o coxeme de bronze peludo, como escova de fato, temia pela sorte do barquito fundeado à beira, por mor da maré que subia e galgava as siglas de limo que eram a baba marinha da maré vazante, deixada de véspera. Aqui e ali um «beijo» salgado.

E já não falo da «fanchonaça» loira que estendia o pername no «oásis» do Porto de Abrigo, indiferente à curiosidade que fazia fervilhar no grupo paisagístico de homens que debruavam a colónia balnear...

Mas voltemos à praia.

Dulçorosa, meiga como um beijo de criança, — e o dr. Losa perfilha inteiramente este nosso conceito — a praia de Esposende não tem par. Buscam-a os pescadores — lá vimos

(Continua na 4.ª página)

# Esposende

(Continuado da 1.<sup>a</sup> página)

o eng. Correia, chapéu de palha de aba braguesa encristada, a fazer de «panamá», o isco sempre vazio, porque o peixe era enxotado pelos pescadores de solha à rede a remexer o fundo do rio com varas de doze metros aguçadas na ponta como as dos pescadores de gado fóra o aguilhão malvado — Esposende pareceu-nos a praia mais sossegada e linda.

Não vamos tecer-lhe elogio algum. Mesmo as obras do murame contra o galope das ondas não afasta ninguém. A servir de pano de fundo, setenta barracas, listradas umas, outras singelas, e as cores vão desde o verde mural ao lilás macio e ao limão verde. E vê-se o «cordame» das casas residenciais, alpendradas algumas, como a do Comendador Santos da Cunha, outras rentes à Avenida, mas todas a amostrar um pedaço de linho de Guimarães, nos quartos almofadados, festões eléctricos em candieiros bizarros, louça de Barcelos nas prateleiras escancaradas, e até a chita nas travesseiras amanhadas e fofinhas da sesta preguiçeira...

Vão um dia a Esposende, e jurro-lhes que hão-de topa ali uma praia maravilhosa, com sinuosidades de encanto, e ao lado, para repasto, a Nélia, *nobre* no seu serviço, apatiguada e burguesa, como é da competência dos dias de hoje.

O resto fica para uma próxima crónica.